

# As opções de dor

o melhor definiu a dramática decisão do STF de permitir a interrupção da gravidez de bebês sem cérebro (anencéfalos) foi a ministra Cármen, que justificou seu voto favorável de forma emocionada e precisa: “Todas as opções são de dor. A escolha é qual a dor. Não é escolha fácil, é trágica. Como Católica praticante, ela advertiu, porém, que o Supremo não estava decidindo sobre o aborto, e sim autorizando um procedimento. “A mulher deve ter o direito de decidir como enfrentar esse momento. Segundo a imagem que usou, o útero é o primeiro berço do ser humano. Quando o berço se transforma em um peão de xadrez, a vida se entorta.”

Por isso, esta talvez tenha sido a decisão mais delicada e transcendente já julgada por aquele tribunal, mexendo com tradições religiosas, princípios morais, conceitos, direito individual, liberdade, dignidade da mulher, enfim, em uma própria concepção do ser huma-

no. As reflexões e justificativas dos oito juizes que votaram a favor (só Ricardo Lewandowsky e Cezar Peluso votaram contra; Dias Toffoli declarou-se impedido) estiveram à altura da importância do tema e revelaram a inconsistência dos protestos feitos em nome da defesa e preservação da vida, como se ela é que estivesse em jogo e não sua impossibilidade. Se não há possibilidade de sobreviver, já que o recém-nascido acometido do mal morre em seguida, como falar em direito à sobrevivência?

Como disse o relator do processo, ministro Marco Aurélio Mello, não se pode sequer falar em aborto nesses casos, pois se trata de feto sem cérebro. Ele considera que seria injusto impor às mulheres “o sentimento de meras incubadoras, ou melhor, de caixões ambulantes”. Luiz Fux também usou imagem forte, ao dizer que impedir a interrupção “equivale à tortura”. Ele contou que todas as pessoas contra a descriminalização que ouviu “tinham crianças sãs”. Ayres Brito, cujo voto deu maioria à aprova-

ção, recorreu a uma metáfora maldosa, comparando o anencéfalo a um bebê que jamais chegará ao estágio de criança porque jamais alçará vôo”.

O que parece não ter ficado claro para alguns é que a decisão do STF não induz nem exige ou obriga, apenas dá a opção de fazer ou não, que a mulher faça sua opção de forma estigmatizada, sem que seja considerada uma criminosa por isso.



O medo do amanhã. A incrível decisão de cinco senadores em aceitar a aprovação do processo de Demóstenes Torreão pelo Conselho de Ética revela um conhecimento de futuro. Amanhã, quem sabe, serei eu.



Aproveitando o convite para participar da XV Feira Internacional de Livros de Bogotá, na Colômbia, país que quero muito visitar, desapareci deste espaço por alguns dias. Na volta eu conto.